

MATTOS, S. R. de *O Brasil em lições – a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro: Acces, 2000.

Maria Rosa Chaves Künzle*

O livro em questão é resultado de uma dissertação de mestrado em educação, defendida na FGV do Rio de Janeiro, em 1992. O objetivo da autora é analisar os manuais didáticos de história escritos por Joaquim Manuel de Macedo, sob encomenda do governo imperial, entre os anos de 1861 e 1865, e que serviram para alunos do Colégio Imperial D. Pedro II (onde o autor era professor de História do Brasil) e para as escolas primárias de todo o país. Os manuais procuravam cumprir alguns objetivos da educação do império: criar os quadros necessários para a administração e organizar a “boa sociedade” brasileira, formada pelo “súdito-cidadão”, uma pessoa conformada ao governo monárquico, católico e centralizado, e a sociedade profundamente hierarquizada, senhorial e escravista.

O livro de Selma R. de Mattos foi organizado em 5 capítulos. No primeiro: *Joaquim Manuel de Macedo: uma figura na sombra* – é apresentada uma biografia do autor das Lições. No capítulo 2: *O império e a boa sociedade*, a autora traçou um panorama do Brasil recém liberto de Portugal e como foi ocorrendo a organização da “boa sociedade formada pelo povo”, ou seja, pelos brancos proprietários e livres, capazes de governar a si mesmos e ao país. Estavam excluídos, assim, os escravos e todos aqueles que não estivessem agregados à uma família da boa sociedade, na cidade ou nas fazendas. No capítulo 3: *ordenar, civilizar e instruir*, a autora apresenta os objetivos políticos da educação naquele contexto. No capítulo 4: *uma questão de método*, a autora relaciona o livro de Joaquim de Macedo com as discussões acerca da história e da historiografia que ocorriam na-

* Mestre em Educação - UFPR, Assessora Pedagógica da APP-Sindicato / Professores Estaduais do Paraná. e-mail: mrck@terra.com.br

quele momento, discutidas, em especial pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual Macedo fazia parte. Finalmente, no capítulo 5: *Lições de história do Brasil*, a autora analisa os manuais e como os conteúdos e metodologias procuraram atingir os objetivos de formação do súdito-cidadão.

Formado em medicina, o “Dr. Macedinho” como era conhecido atuou como romancista (sua obra mais conhecida é “A Moreninha”) além de jornalista, deputado, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e professor de história no Colégio Pedro II. O fato de pertencer a estas duas instituições fez com que seus manuais didáticos tivessem tanto a marca do historiador como a do professor. Para a autora, Joaquim Manuel de Macedo soube casar a historiografia com os conhecimentos e os fins escolares da época, uma das razões para o sucesso que as lições alcançaram.

O governo imperial tinha necessidade de criar quadros políticos e administrativos para o país. Assim, fundou faculdades, escolas primárias e secundárias, institutos científicos, acadêmicos e artísticos. Também era necessário difundir valores para garantir e justificar a divisão social entre senhores e escravos. As elites imperiais se propunham a colocar o Brasil no palco das nações civilizadas, mantendo, porém, as estruturas seculares. Em seus discursos, afirmavam que para isto seriam necessárias três ações: *Ordenar, civilizar e instruir*.

Várias formas de organizar o ensino foram colocadas em prática, sempre com escolas e métodos diferenciados para diferentes classes sociais. Entre eles havia o Método Lancaster, onde um aluno mais dotado ensinava os mais fracos. Desta maneira, não era necessária a contratação de mais professores. Este método mostrou seus limites na baixa qualidade do ensino. Assim, os intelectuais passaram a desejar maior profissionalização como a contratação de professores mais bem preparados; daí surgiu também a idéia da necessidade de manuais didáticos para o auxílio do professor.

No que diz respeito à ciência da história, naquele momento, ela deixa de ser vista somente como “mestra da vida” para adquirir também a função filosófica de mostrar qual o sentido da vida humana. Entendia-se que a humanidade caminhava em direção ao progresso e à civilização, e cada país procurou narrar os seus caminhos naquela direção, fazendo a “biografia da Nação”. Os intelectuais brasileiros aderiram a esta concepção, buscando explicar como o Brasil se civilizava. Joaquim Manuel de Macedo, como

membro do IHGB e pertencente à vanguarda historiográfica da época, vai procurar traduzir esta aspiração em seus manuais didáticos.

Ao todo foram três manuais. O primeiro, escrito em 1861, para o 4º ano do Colégio Imperial Pedro II. O segundo, de 1863, foi uma adaptação para o 7º ano, com acréscimos. E o último, escrito em 1865, foi uma adaptação destes dois para as escolas primárias do país, onde a obra sofreu modificações mais importantes na metodologia e na profundidade dos conteúdos. Nos prefácios, Joaquim M. Macedo coloca seus objetivos: combinar erudição com a identificação dos caminhos da evolução da nação e tornar legível a história pátria para os alunos.

Os livros eram organizados na seguinte forma: *Texto/Quadro Sinótico* (para o Colégio Pedro II) e *Texto/Explicações/Quadro Sinótico/Perguntas* para os “meninos” das escolas primárias. Iniciava pelos temas do Descobrimento do Brasil, Expedições e Sistema de Colonização, indo até a Declaração de Maioridade de Pedro II. Reforçava-se muito a falta de civilidade dos índios e a vinda dos portugueses para civilizá-los, comprovando a superioridade branca. No conteúdo da Invasão Holandesa, a união das três raças na expulsão do invasor era vista como o germe de uma consciência nacional. Trabalhava-se, neste conteúdo, dois importantes valores: a unidade do território e a “cooperação” das três raças fundadoras, acima das diferenças sociais. Segundo as palavras de Joaquim M. de Macedo: “...emergia um panteão, um sentimento patriótico e a formação do povo brasileiro, **preunciando o Império do Brasil do século XIX**. A narrativa da guerra holandesa é **a maneira de constituir uma memória nacional e uma história geral, em oposição a uma memória nativista e provincial**” (p. 113). O manual justificava o centralismo do Império e por isso falava em história do Brasil e não de histórias regionais.

As Lições de Joaquim Manuel de Macedo foram importantes para cumprir alguns dos objetivos do Império brasileiro por meio do ensino: a) pregar a necessidade do centralismo do governo para garantir a unidade territorial; b) manter as pessoas fiéis à fé católica e, c) fazer com que conhecessem e aceitassem os seus lugares na hierarquia senhorial. Ao mesmo tempo atendeu os objetivos da historiografia da época: fazer a “biografia da Nação brasileira”, buscando o lugar do Brasil no palco das nações civilizadas, mostrando as suas origens e seu caminho “inevitável” sempre para o progresso.

A leitura agradável do livro de Selma Mattos nos faz refletir sobre as práticas, sobre as imagens e valores e, especialmente, sobre a função das aulas de história do Brasil na formação de um tipo de aluno que se deseja, tanto no passado como no presente de nossas salas de aula.